

Exmo. Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares,

Como cidadão interessado e autor do Blogue TDT em Portugal, um espaço de cidadania que desde 2008 acompanha a evolução da introdução da televisão digital terrestre no nosso país, enquanto observador, conhecedor e estudioso destas matérias, tomo a liberdade de lhe transmitir alguns dados.

Como conhecedor das potencialidades da tecnologia DVB-T e do bom uso que a mesma é dada em tantos outros países, em prol de todos os cidadãos, não posso em consciência ficar em silêncio enquanto o meu país desperdiça uma oportunidade de evoluir. Pretendo desta forma contribuir para que o Governo tome as decisões mais acertadas relativamente a esta matéria.

A poucos meses da data prevista para o início do desligamento dos principais emissores de televisão analógica, a situação de atraso e impasse em que a TDT portuguesa se encontra é evidente. Poucos cidadãos fizeram já a migração para a TDT. Os últimos dados oficiais conhecidos apontam para uma taxa de apenas 1,1% entre os portugueses sem televisão paga, valor que à presente data não deverá ser significativamente superior. Os motivos deste atraso são essencialmente quatro:

- Ausência de factores de motivação relevantes;
- Falta de informação e de promoção;
- Custos envolvidos na transição;
- Indisponibilidade de sinal em algumas zonas.

Todos estes factores contribuem para o atraso português na migração para a televisão digital terrestre. Existem várias contradições entre o discurso oficial até à data, o que foi prometido e a realidade no terreno. Contudo, por ser a ausência de novos programas na TDT a causa principal deste atraso, é sobre a mesma que me irei focar.

A oferta dos dois canais adicionais que a TDT iria “oferecer” (5º Canal e Canal HD) não se materializou. Apesar de ter sido reconhecida a importância fundamental destes canais para motivar a migração voluntária para a TDT¹, e apesar do falhanço de ambos, o Governo anterior não tomou qualquer medida para providenciar alternativas.

Na generalidade dos países, em todos os continentes, a televisão pública tem aproveitado as potencialidades da TDT para (a custos reduzidos) melhorar substancialmente o serviço público prestado, lançado novos canais temáticos de acesso livre (FTA): canais infantis, de história, educativos, desporto, etc. Veja-se o exemplo espanhol e Italiano. Em Portugal, mesmo sem o 5º Canal generalista e sem o Canal HD, a RTP fez saber (através da posição da CPMCS) que considera não serem viáveis mais canais na TDT². Uma posição no mínimo estranha, sobretudo se considerarmos uma afirmação anterior da própria RTP:

«A exemplo de outros países e das experiências mais recentes de TDT na Europa, o papel do serviço público de televisão (e concretamente as exigências em matéria de inovação e de cobertura universal de Portugal) pode ser decisivo para um switch-off mais rápido, quer através da qualidade e diversidade dos serviços de programas oferecidos, quer ainda pelo

desenvolvimento de novos serviços ligados ao desenvolvimento da sociedade da informação (informação, educação, etc.).»

Mas enquanto a TDT passa incompreensivelmente ao lado do operador público de rádio e televisão, o mesmo anuncia novos projectos a disponibilizar em exclusivo através de operadores de televisão paga (casos da RTP HD e RTP Música). Não deveria ser missão prioritária da RTP fornecer um serviço público e universal de qualidade a todos os portugueses? Não deveria a RTP apostar a TDT?

Recordo que muitos portugueses já se manifestaram publicamente a favor da RTP Memória e da RTP-N (canais classificados de interesse público) em canal aberto, quer através do blogue TDT em Portugal, que foi o autor de uma petição em 2009³, quer mesmo através do programa da RTP “A Voz do Cidadão”⁴. O próprio ex-director da RTP Memória defendeu recentemente a emissão do canal em sinal aberto.

Importa realçar que actualmente existe espectro livre suficiente no Mux A para emitir três ou quatro programas adicionais em definição Standard, com qualidade. Actualmente cerca de 30% da capacidade do Mux A é utilizada para emitir o Canal HD que há mais de dois anos nada emite, como é sabido.

Estranhamente, nem tampouco a desistência da oferta de TDT paga, que era considerada importante para o sucesso do processo de transição devido às sinergias criadas, levou a qualquer reformulação da TDT. A TDT portuguesa ficou desta forma reduzida a um único Mux!

Desde o seu arranque oficial em Abril de 2009, não existe portanto qualquer factor diferenciador ao nível de conteúdos na TDT portuguesa. Logo, o incentivo para fazer a mudança é praticamente nulo, sobretudo em zonas de boa recepção do sinal analógico. Enquanto não existir uma oferta suficientemente motivadora ao nível de canais, e em virtude dos custos e transtornos envolvidos, o consumidor irá adiar o mais possível a mudança para a TDT.

Recordo que, também em Espanha a migração para a TDT falhou inicialmente, obrigando ao relançamento da TDT em 2005 com uma oferta alargada de canais *Free-To-Air*. Mas, infelizmente, as autoridades portuguesas parecem nada ter aprendido com as experiências de outros países mais adiantados em matéria de televisão digital terrestre, insistindo numa estratégia sem provas dadas e altamente arriscada como cedo se pôde constatar. Apesar de ter falhado em praticamente todos os níveis, a estratégia incompreensivelmente não foi alterada.

Creio que é de interesse estratégico para o país a existência de uma rede de difusão televisiva terrestre abrangente e fiável. Contudo, perante os sucessivos erros cometidos na implantação da TDT em Portugal, não é de estranhar que haja já mais portugueses a receber televisão por tecnologias alternativas do que por sinal terrestre. É aliás perfeitamente legítimo pensar que por trás do enorme atraso da implantação da TDT em Portugal estão fortes interesses económicos, que nem o anterior Governo nem o regulador conseguiram contrariar. A continuar esta ausência de rumo na TDT, o investimento no melhoramento da rede estará

seriamente comprometido, bem como a possibilidade da televisão de âmbito regional, pois será economicamente inviável. Perdem todos os portugueses.

Portugal teimou em ignorar as lições aprendidas a custo por outros países, adoptando uma estratégia errada, com os resultados que são conhecidos. Fundamentalmente, a estratégia seguida não teve em consideração as aspirações e interesses dos consumidores, que são o elemento principal para o sucesso da migração para a televisão digital terrestre.

Em nome do desenvolvimento do país, faço votos que o Governo tome as decisões acertadas, também no que diz respeito à televisão digital terrestre.

Com respeitosos cumprimentos,

Blogue TDT em Portugal

<http://tdt-portugal.blogspot.com>

ANEXOS

Carta dirigida ao MOPTC e MAP em Julho de 2010 com o texto da petição pela emissão da RTPN e RTP Memória na TDT em canal aberto.

Ofício resposta N. 2608 do MOPTC de 11/11/2010.

¹ «...o ICP-ANACOM reconhecia que dois dos pilares fundamentais de incentivo à migração voluntária para a TDT – o 5.º canal e o canal partilhado em alta definição – não se tinham concretizado.» - Decisão relativa à campanha de promoção e informação sobre TDT – ANACOM, 31/03/2011.

² «...face ao prazo cada vez mais curto até ao switch-off, à ausência de novos serviços de programas FTA (duvidando aliás a respondente da sua actual viabilidade), à não utilização da possibilidade de emissão HD partilhada e à aparente ausência de oferta de serviços pagos na TDT...» - resposta da CPMCS – relatório da ANACOM de 22/12/2010 sobre o plano de switch-off.

³ Petição criada em Junho de 2009 e enviada em 8/7/2010, para o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações (MOPTC) e para o Ministério dos Assuntos Parlamentares (MAP). - resposta recebida por Ofício do MOPTC nº 2608 datado de 11-11-2010.

⁴ Programas emitidos em 11/07/2009 e 30/01/2010:

<http://ww1.rtp.pt/multimedia/index.php?tvprog=21175&idpod=27386&formato=wmv&pag=recentes&escolha=>

<http://ww1.rtp.pt/multimedia/index.php?tvprog=21175&idpod=35009&formato=flv&pag=recentes&escolha=>